



AS IMAGENS DE JEAN-BAPTISTE DEBRET NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO (PNLD – 2014/2015)

Thayane da Rocha Cruz Dias Freitas*

Atualmente as coleções didáticas utilizadas na Educação Básica estão repletas de atividades, sugestões de livros, filmes, imagens e curiosidades. Cada vez mais os livros didáticos vêm se modernizando e oferecendo a alunos e professores diversas opções de fontes e documentos para o estudo de História. O livro didático pode ser considerado por alguns profissionais como o “currículo em sala de aula”, porém, dependendo da maneira como é utilizado, este material pode ser um aliado do professor em sala de aula. Os debates em torno do livro didático nas escolas são polêmicos e rende diversas pesquisas e opiniões a respeito de seus usos e construções, como mostra Circe Bittencourt:

Muito criticados, muitas vezes considerados os culpados pelas mazelas do ensino de História, os livros didáticos são invariavelmente um tema polêmico. Diversas pesquisas têm revelado que são um instrumento a serviço de ideologia e da perpetuação de um “ensino tradicional”. Entretanto, continuam sendo usados no trabalho diário das escolas em todo país, caracterizando-se pela variedade de sua produção, e ao serem analisados com maior profundidade e em uma perspectiva histórica, demonstram ter sofrido mudanças em seus aspectos formais e ganho possibilidades de uso diferenciado por parte de professores e alunos. (BITTENCOURT, 2009, p.300)

O livro didático é considerado um objeto complexo, ao mesmo tempo em que é um produto cultural de uma sociedade, é também uma mercadoria que atende a determinadas exigências, já que a venda de livros didáticos no Brasil movimenta grandes editoras interessadas na venda desse produto ao governo através dos editais do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, responsável pela avaliação, compra e distribuição de livros didáticos nas escolas públicas do país.

Sendo um objeto de tantos debates em relação a sua construção, modernização, venda e distribuição, quanto mais o livro didático se transforma, mais nos oferece questionamentos e se torna uma importante fonte de pesquisa no Ensino de História. Há vários questionamentos possíveis de serem construídos ao olharmos para esse material tão complexo e tão polêmico.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.



O livro didático, importante referência para professores e alunos, transmite por meio de seus textos, imagens e atividades, determinadas ideias, como nenhuma fonte histórica, o livro didático também não é neutro. O livro didático não pode ser considerado como um objeto de doutrinação, isso seria atribuir um poder que esse material não tem e também apagar

o papel do professor em sala de aula, porém, o livro carrega sim, ideias. Ao selecionar determinados textos e imagens, o livro oferece ao aluno uma interpretação do passado.

As diversas imagens presentes nos livros didáticos de História podem ser usadas como fonte de questionamento em atividades ou associadas a textos a fim de confirmar versões históricas. Muitas vezes o livro didático é a única fonte de estudos que os jovens possuem, suas imagens permanecem no imaginário desses jovens por anos e contribuem para a definição que cada um deles tem sobre o passado do Brasil.

As imagens do pintor francês Jean-Baptiste Debret, presente geralmente nos capítulos sobre Brasil colônia, habita grande parte desse imaginário. É possível que mesmo que um indivíduo não saiba exatamente quem foi Debret, certamente já viu uma de suas imagens, não só nos livros didáticos, mas, também em outros *lugares de memória*.

Esse fato se deve a importância do trabalho de Debret no Brasil que é constantemente abordada, não só na escola, nas aulas de História. Um exemplo é a exposição intitulada *O Rio de Debret* que marcou as comemorações do aniversário de 450 anos da capital do Rio de Janeiro no ano de 2015. Na exposição, diversos trabalhos do artista que permaneceu no Brasil entre 1816 e 1831, foram levados ao público como forma e celebrar o passado da capital.

Jean-Baptiste Debret nasceu em Paris no ano de 1768, seu pai foi escrivão do Parlamento e sua mãe “comerciante de roupa-branca”, sobrinho-neto de François de Boucher, importante pintor francês do século XVIII e primo de Jacques-Louis David, um dos mais conhecidos pintores da França e também responsável pelo ateliê em que Debret trabalhou e estudou desde a adolescência. De David, Debret também teve influências políticas, pois, posteriormente, passou a pintar, assim como seu primo, obras encomendadas por Napoleão com o objetivo de formar a identidade nacional francesa a partir dos séculos XVIII e XIX.

No ano de 1806 Debret recebe um prêmio pelo quadro *Napoleão homenageia a coragem infeliz*, fato que se torna o marco da entrada desse artista no seleto grupo de artistas que servia Napoleão.

Por esse trabalho, Debret recebeu o Prix Décennal, instituído por Napoleão para recompensar artistas de mérito. A importância da obra, se não tanto pelas qualidades estéticas, deve-se sobretudo à sua função histórica na construção de uma imagem que se queria, naquele momento, propagar e perpetuar: o lado humanitário do imperador. Esse foi um momento especial na carreira de Debret, que se tornou, a partir de então, um dos artistas mais estimados entre seus contemporâneos. (LIMA, 2004, p. 12)

Debret permanece nesse grupo até queda de Bonaparte em 1815. Com o fim do governo de Napoleão, Debret e outros artistas aceitam o convite de Joachim Le Breton para integrar a Missão Artista Francesa, movimento artístico que tinha por objetivo fundar uma

escola de artes e ofícios no Brasil e reaproximar as relações diplomáticas entre Brasil e França.

No Brasil, Debret deixa de lado as pinturas a óleo de grandes dimensões e passa a utilizar papel e aquarela para registrar diversas cenas do cotidiano da capital. Ocupando o cargo de pintor de história, Debret retratou o trabalho escravo, os castigos, os indígenas, os senhores, as relações comerciais e sociais, tipos de plantas e paisagens. Grande parte dessas imagens foi escolhida para os três volumes do livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, editados pelo próprio Debret e publicados nos anos de 1834, 1835 e 1839.

A chegada dos profissionais franceses acontece em um ambiente de grandes mudanças, fundamentais para a formação do Brasil como país independente e nação. As telas de Debret, como a produção de outros artistas, fazem parte desse processo em busca de uma definição da nação brasileira a partir do século XIX. As imagens desse artista, e de outros, estão presentes em diversos espaços da sociedade até a atualidade, formando uma concepção de passado colonial e imperial.

No ano de 1816, Jean-Baptiste Debret desembarca no Brasil com a missão de criar símbolos do novo mundo, o francês civilizado chega às terras brasileiras ainda coloniais para trazer conhecimento e uma identidade à nova sociedade considerada selvagem, mas que como ele mesmo escreveu se tornaria uma civilização se abandonasse certos hábitos.

Logo, as coleções didáticas adotam as representações do artista com objetivo de ilustrar cenas históricas, confirmar fatos do passado por meio de imagens, seguindo as normas dos currículos. As imagens foram por muito tempo, usadas com esses objetivos ou ainda para confirmar símbolos do Brasil ilustrados por Debret como a imagem do guerreiro indígena, negando a condição de colonizado e inferior ao português europeu, na tentativa de se construir um orgulho nacional, escondendo a opressão e a violência da conquista.

Debret não foi apenas um viajante comum, ele registrou por meio de suas imagens e textos, um retrato do Brasil a partir de suas concepções de mundo, de sua bagagem acadêmica e intelectual, passou pelas ruas do Rio de Janeiro não só fazendo um registro do que via, mas construindo reflexões sobre o espaço e a sociedade. De acordo Sandra Pesavento, Debret foi capaz de mostrar em suas imagens e textos o processo de transformar seu primeiro espanto em um exercício de compreensão do espaço.

(...) Debret não foi um simples viajante, alguém que passou pela terra. Uma estadia de 15 anos no Brasil o teriam feito um morador do local, e seu olhar é, pois, portador não apenas dos registros sensíveis do que vê, mas também de uma experiência. Tão longa estadia implicava não só em transformar o espanto do primeiro olhar em imagem a repetir-se no cotidiano, mas também em um esforço de

compreender a terra em que vivia. Assim, Debret foi um viajante muito especial, que traduziu em textos e imagens experiências sensíveis elaboradas por uma percepção e elaboração mental do visto a partir de sua bagagem intelectual e pessoal, a qual se acrescentavam as leituras e informações colhidas e realizadas no Brasil. (PESAVENTO, p.3, 2007)

No Brasil, Debret pintou cenas do cotidiano, refletiu e transmitiu para seus desenhos pensamentos que passavam por sua mente enquanto andava pelas ruas do Rio de Janeiro. É interessante notar como a obra de Debret se modifica enquanto esta na França e quando vem ao Brasil.

Quando estava na França, Debret fazia parte de um grupo seleto de profissionais responsáveis pela imagem de Bonaparte. Ao retratar o imperador, Debret tinha consciência de quais valores e discursos a imagem deveria apresentar aos seus espectadores. A representação de Napoleão Bonaparte montado em um cavalo, empunhando uma espada a frente de seu exército, tem a função de transmitir um discurso a respeito do governante mesmo em sua ausência. “O quadro tem o poder de mostrar o que a palavra não pode enunciar, o que nenhum texto poderá dar a ler” (CHARTIER, 2002, p.164)

No Brasil, as aquarelas de Debret também carregam um discurso, porém, seu lugar e os objetivos de sua prática se alteram. Apoiado pela corte Portuguesa, Debret foi responsável por construir imagens da nova nação, representações da identidade nacional brasileira, a partir de suas observações.

Debret então, pinta no Brasil, a nobreza, mas também o negro, o indígena e a mulher. Na França seu trabalho voltava-se para a criação de uma imagem e uma ideia de Napoleão, no Brasil Debret se voltou para diversos aspectos da sociedade, seu trabalho se tornou mais amplo.

As imagens de Debret expostas em diversos *lugares de memória* como museus e manuais didáticos, contribuem então, para a formação de uma *consciência histórica* dos indivíduos. Todos têm uma determinada concepção sobre o período colonial do Brasil e as imagens de Debret, certamente fazem parte da construção dessas concepções de Brasil. As imagens do artista francês, portanto, contribuem para a construção da identidade nacional brasileira, para como cada indivíduo reconhece seu país como nação.

Questionamos-nos: Como parte dessa construção é realizada a partir das imagens de Debret presentes nos livros didáticos do Ensino Médio? De que maneira os livros do Ensino Médio usam essas imagens? Há um aprofundamento sobre a ampla obra de Debret? As imagens de Debret ainda contribuem para a formação do que é ser brasileiro? De que maneira? Qual discurso está associado a essas imagens nas coleções didáticas do Ensino

Médio? Quantos dos diversos debates sobre a obra de Debret chegam a Educação Básica por meio do livro didático?

Esses debates vão partir da análise de coleções didáticas de História do PNLD 2014-2015, para livros didáticos do Ensino Médio. A partir da seleção dos livros mais distribuídos no país por meio do programa investigaremos de que maneira as imagens de Debret são trabalhadas nos três últimos anos da Educação Básica e com quais objetivos.

Propomos-nos a pesquisar a presença de Debret na escola por meio dos livros didáticos, acreditando que essa investigação contribui para o debate sobre a produção de Debret no Brasil e sobre Ensino de História no país.

REFERÊNCIA

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CHARTIER, Roger. Poderes e limites da representação. Marin, o discurso e a imagem. In: **A beira da Falésia: a história entre incertezas e a inquietude**. Porto Alegre: Universidade, 2002. p.163-180.

LIMA, Valéria. **Uma viagem com Debret**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **J.-B. Debret, Historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, n. 10, 1993. Disponível em:<<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma cidade sensível sob o olhar do “outro”: Jean-Baptiste Debret e o Rio de Janeiro (1816 – 1831). **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. v.4. n.4. Dez. 2007.

STRAUMANN, Patrick.(Org.) **Rio de Janeiro cidade mestiça: Nascimento da imagem de uma nação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Revista Práxis Educativa**. v. 1, nº2, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279/285> > Acesso em: 11 mar. 2014.